

O CORPO MASCULINO DISCURSIVIZADO NAS PÁGINAS DA MEN'S HEALTH

José Gevildo Viana (UERN)
gevildo_viana27@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

O presente texto é resultado de um recorte feito da dissertação intitulada “O Corpo em Revista: Corpo Masculino, Mídia e Modos de subjetivação” de minha autoria. Assim sendo, este artigo propõe abordar, numa perspectiva arqueogenológica, o corpo masculino como acontecimento discursivo constituído nas/pelas práticas discursivas midiáticas. Com esse propósito, fundamentamos nosso trabalho nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de tradição francesa, principalmente a partir das contribuições de Michel Foucault em seus estudos sobre as movências do sujeito nas malhas do saber\poder. O *corpus* de nosso estudo se constitui de corpos materializados como enunciados e discursivizados nas páginas da revista Men's Health.

1. O Domínio da Arqueologia: Saber \Poder no Discurso

No fazer desse trabalho investigativo como mencionado anteriormente, faremos uso do que chamaremos de método arqueogenológico¹, considerando o valor que essa articulação nos proporciona quanto ao objeto discurso. Para efeito de melhor entendimento, abordamos neste espaço algumas discussões no tocante a perspectiva foucaultiana da arqueologia e da genealogia com fins de articulá-las, neste caso particular de nosso trabalho, na mídia como campo de problematização. O foco porta-se então na fabricação discursiva do corpo masculino na e pela revista pesquisada.

Vale ressaltar, portanto, que a arqueologia e a genealogia não se constituem como métodos de total independência, mas de certa maturidade teórica, dado os avanços dos trabalhos foucaultianos. Deste modo, por questões didáticas, iremos abordá-los separadamente.

O método arqueológico inaugurado por Foucault nos anos 60, desenvolvido no decorrer dessas obras: “*História da loucura* (1961)”; “*Nascimento da clínica* (1963)”; “*As palavras e as coisas* (1966)” e “*A arqueologia do saber* (1969)” consiste em um método de investigação que opera na descrição de um conjunto de relações que existe em determinada época e que determina a emergência também de determinados saberes.

A arqueologia em sua gênese consiste em investigar e descrever os saberes que emergem dentro de uma *epistémê*, entendida inicialmente, conforme Foucault, (2007, p. 214) como o “conjunto das relações que podemos descobrir, para uma época dada, entre as ciências, quando as analisamos ao nível das regularidades discursivas”.

Partindo dessa formulação, a *epistémê* é compreendida, portanto, como um espaço que agrupa um conjunto de saberes ordenado em sua constituição. Tal espaço cria assim condições de possibilidades de surgimento, transformações, determinação

¹Aqui a palavra método é compreendida considerando as ressalvas feitas por Veiga – Neto (2004). E mais precisamente método arqueogenológico compreendendo as articulações entre os domínios foucaultianos, ver também em Milanez (2006).

dos saberes. Há um princípio ordinário, regulador que determina o que pode e deve ser dito em determinada época e em determinado lugar.

É desse solo positivo que possibilita em determinada época emergir determinados saberes, que o arqueólogo atua na descrição dos elementos que compõem tal conjunto dos saberes, configurado dentro dessa ordem. Assim, como bem coloca Foucault (1999, p. XVII), “é com base nessa ordem, assumindo como solo positivo, que se construirão as teorias gerais da ordenação das coisas e as interpretações que esta requer”.

Nesta perspectiva, o saber deve ser tomado como objeto de investigação, ao qual cabe ao arqueólogo descrever as condições de possibilidade do discurso, para compreender os arranjos históricos que possibilitaram a produção desse saber. O método arqueológico objetiva assim, investigar a constituição dos saberes, considerando determinado campo do conhecimento e, a partir das relações discursivas, identificar, estabelecer mudanças, transformações sofridas por esses saberes, buscando evidenciar suas discontinuidades.

Neste sentido, a arqueologia busca descrever a construção desse campo, compreendendo-o como uma rede de saberes que se inter-relacionam abrindo assim, espaços para a emergência do discurso, tido como *acontecimento*. E nessa direção o método arqueológico torna-se uma ferramenta que viabiliza pensar um acontecimento discursivo, valorizando nele suas discontinuidades.

A discontinuidade se constitui na irrupção do acontecimento, provocando desestabilidades, rupturas nos dizeres, deslocando assim posições de sujeitos mobilizadas pelas relações de forças que não se concentram no domínio, na consciência do sujeito, mas que estão no movimento dinâmico da língua com a história. A discontinuidade é a força produtora do discurso em sua atividade constante na (re) elaboração do saber, dos dizeres. É neste sentido que Foucault (2005c, p. 72) diz-nos ser “obcecado pela existência dos discursos, pelo fato de as palavras terem surgido”.

Continuando nesse raciocínio, o valor do discurso para Foucault dentro da perspectiva arqueológica se faz pertinente uma vez que é preocupação desse método compreender o surgimento e as transformações pelas quais passam os saberes. O que implica dizer que o saber só pode ser apreendido em sua natureza, dada a natureza do discurso que o revela. Conforme Foucault, (2007, p. 205), “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”.

Nesta ótica, analisar o discurso torna-se o acesso à empreitada de entender o saber em um determinado momento histórico. Ora, se o discurso revela o saber, o discurso também pressupõe a existência de regras que o configuram enquanto atividade, enquanto acontecimento. São essas regras, portanto, existentes no interior do discurso dada sua dispersão, que configuram as coisas, bem como, instauram gestos de como devem ser interpretadas. Para isso, reconhece-se o discurso como uma prática que obedece a determinadas regras.

Vale dizer, portanto, que a arqueologia busca uma possível regularidade presente nessa dispersão dos elementos que constituem o discurso. Tais regras seriam então o que possibilitaria um reconhecimento de determinada Formação Discursiva.

Segundo Foucault, (2007, p. 132), “a descrição dos enunciados e da maneira pela qual se organiza o nível enunciativo conduz à individualização das formações discursivas”. Deste modo, é somente a partir da descrição do enunciado que se torna possível configurar e demarcar o princípio da regularidade que se inaugura a existência de um saber dado o espaço configurado pela formação discursiva que também se singulariza sob esse efeito da descrição do enunciado.

É neste propósito que se pronuncia Foucault, (2007, p. 130): “considerarei não que eu tenha construído um modelo teórico rigoroso, mas que tenha construído um domínio coerente de descrição [...] do enunciado em sua especificidade”.

Sob esse efeito, o método arqueológico elabora sua proposta a partir da análise do discurso enquanto enunciado, não compreendendo, assim a uma relação de correspondência entre esses, mas como nos coloca Foucault (2007, p. 132) “como lei de coexistência. Isso significa que a relação entre o discurso e o enunciado deve ser uma relação de reciprocidade, não limitando a uma pura análise de um sob o outro”.

Neste sentido, o método arqueológico parte então da investigação do enunciado, situando-o ao domínio do acontecimento que é o discurso, buscando assim nessa relação, o conjunto das regras que até então legitima o aparecimento desse enunciado e não de outro em seu lugar. Para Foucault (1971, p. 23): “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento”. Ao situar o enunciado como acontecimento singular, significa colocá-lo a ordem do discurso, pois o discurso é uma prática social em articulação, com práticas também não discursivas.

Partir desse princípio do discurso como prática histórica social significa relacionar a língua com “outra coisa”, com o não-discursivo, com o exterior. Essa descrição só é possível quando evidenciamos no enunciado a sua função enunciativa, no interior do próprio discurso, na condição de acontecimento em sua singularidade. É, portanto, sob esse trilho da relação do enunciado no interior do discurso que se instaura a questão desafio e missão para o arqueólogo do discurso: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2007, p. 31).

Norteados pela questão que se coloca, tomemos nota de algumas particularidades da análise arqueológica, apresentada por Foucault (2007) no sentido de que se possa medir sua capacidade descritiva, apontando assim alguns princípios em que se apóia.

Foucault (2007) começa por elencar algumas considerações a partir de alguns propósitos: *A propósito da novidade; da análise de contradição; das descrições comparativas; da demarcação das transformações.*

Quanto ao *propósito da novidade*, a arqueologia então tem como propósito, apreender os discursos enquanto práticas reguladas, controladas por relações de forças mediante positivities. A arqueologia quanto ao *propósito da novidade*, não busca encontrá-la numa superficialidade dada ao discurso em si, mas na investigação de todo um movimento que rege sua constituição, apontando assim a um conjunto de formações discursivas que o regula. Tratar o discurso, não como *documento*, mas como *monumento* significa tê-lo não como um registro materializado sobre a ordem de uma transparência implicando em certa objetividade da língua, mas sim, como um inventário social erguido, construído num dado processo de natureza discursiva que mobiliza saberes tornando-se algo opaco, incompleto pela natureza da própria linguagem.

Já quanto ao propósito da *análise de contradição*, a arqueologia não trilha uma perspectiva da linearidade, nem de uma continuidade dada ao que é histórico, por isso, não busca encontrar simplesmente uma ligação de um discurso dado ao seu precedente, mas sim busca definir os discursos dentro de uma configuração que lhe é específica e, a partir disso, esclarecer as regras que os regem no seu aparecimento, que o legitima como singular, embora, nascente de uma irrupção que lhe é externa.

No tocante ao propósito das *descrições comparativas*, a arqueologia é um método que tem sua essência na descrição das regras específicas que legitima e produz os discursos, centrando-se nas práticas discursivas que os instaura. Não busca assim uma contextualização histórica da obra em si, numa tentativa de descrevê-la quanto ao

momento de sua criação, mas evidenciar tais regras de constituição do discurso que o dominam por inteiro em sua produção. A instância do sujeito aqui aparece no tocante ao princípio ilusório de estabelecer unidade quanto ao discurso que o produz, sendo somente nessa questão que pode fugir ao domínio das regras quanto à constituição do discurso.

E finalmente quanto ao propósito da *demarcação das transformações* a arqueologia funciona como um método que não se preocupa em reconstituir sob uma legitimidade um sentido único, possível, dado pelo enunciador do discurso. Não se trata de repetir o que foi dito, ir a possível origem do dizer, mas trata-se de descrever a sistematicidade das regras que articulam a existência de determinados discursos operando sobre esse, com efeito, de torná-lo objeto mediante as práticas discursivas que ali se movimentam. São, portanto sobre as práticas discursivas como objetos de estudo que atuaremos no fazer desse trabalho, operando na articulação de todo esse processo que incide sobre a perspectiva arqueológica.

2. O Domínio da Genealogia: As Tramas do Poder

Se no início de seus trabalhos Foucault deu ênfase em investigar as relações de saberes, mais tarde, por volta dos anos 1970 se porta com mais incidência as relações de poder, que até então, estavam imbricadas nessas relações. É importante frisar que toda essa discussão metodológica surge da nascente do sujeito, pois a preocupação de Foucault centrava justamente na fabricação do sujeito.

Ao situar o poder disperso nos emaranhados da teia social Foucault aborda o método genealógico a partir de suas obras: “*Vigiar e punir*” e “*A vontade de saber*” (primeiro volume de História da sexualidade).

O método genealógico consiste, pois, em validar os saberes em sua gênese, configurando suas positivities dada as condições de suas exterioridades, com isso, os saberes são tidos nessa perspectiva como objetos que se constituem como dispositivos estratégicos imbricados pelo poder. A genealogia então se centra num caráter explicativo dos fatores que interferem na emergência e permanência dos saberes, bem como na sua adequação ao campo discursivo ao qual está ligada, legitimando assim sua existência como dentro de um quadro, dispositivo de caráter político.

Ao discutir esses métodos, fica cada vez mais claro que eles não se excluem, mas ao contrário, somam-se a análise do discurso, pois conforme Foucault (2006, p. 65-66),

A arqueologia: [...] concerne à formação efetiva dos discursos, quer no interior dos limites do controle, quer no exterior, quer, a maior parte das vezes, de um lado e de outro da delimitação. [...] a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa descontínua e regular.

A arqueologia numa perspectiva metodológica do discurso se firma em preocupações de ordem estrutural, de organização interna de controle do discurso. Já no tocante à genealogia, ela consiste na ideia de estudar a formação do discurso de maneira mais explicativa, em confirmar, dar legitimidade à análise, no sentido de sua procedência, levando em conta os elementos e estratégias colocadas em prática no articular das relações de força, bem como dos limites e regras que derivam de dispositivo de natureza política, configurando-se como objeto dado às regularidades discursivas que delimitam e constroem o próprio espaço de constituição do discurso.

A genealogia nesse propósito de método deve ser compreendida então como uma abordagem da análise que elucida o que já se fazia presente no método arqueológico, mas que não havia surgido como um domínio específico de análise, que seria então a existência das relações de poder. Poder esse compreendido como dentro de uma positividade na elaboração dos saberes, e que Foucault aborda como não centralizado, mas em movimento.

Neste sentido diferenciamos esses métodos não a partir de um objeto diferenciado, mas sim, a partir de domínios específicos de análise em que se situam, pois, por um lado, temos a arqueologia que objetiva descrever o discurso configurando as regras que condicionam o saber. Por outro lado, temos a genealogia que objetiva evidenciar mediante as práticas discursivas como se dão as relações saber-poder que ali se instauram e se exercem. Deste modo, os métodos se articulam no propósito de querer entender as relações entre o saber/poder e suas positividades emergidos numa determinada época.

Para isso, o único objeto ao qual seria possível apreender essas relações é somente através do discurso. O discurso é, portanto, o lugar ao qual se alojam essas relações entre o saber e o poder. Como bem menciona Foucault (2005a, p. 95), “é justamente no discurso que vêm se articular poder e saber”.

Na busca do porque da emergência de determinados saberes a genealogia situa-se no campo da história, das condições políticas que propuseram tal efeito. É daí então que se analisa o discurso como prática que negocia saberes e poderes. O que implica ser essa a maior preocupação da genealogia, analisar como se comporta os poderes dentro de uma prática discursiva.

Deste modo a noção de poder em Foucault não se confunde com a noção de um poder como algo ao qual pode ser detido, como algo centralizador, opressor, pois segundo Foucault (2002, p. 154), “o poder não oprime por duas razões: primeiro, porque dá prazer, [...]. Em segundo lugar, o poder pode criar”.

O poder nessa perspectiva foucaultiana é tido como positivo, dada sua capacidade de dar prazer e se poder criar. Porém, essas capacidades que tornam o poder um elemento de positividade, de utilidade, só é possível em sua articulação, relação necessária com o saber. O que legitima ser a relação saber/poder, uma relação de interdependência.

Embora haja essa relação correlata entre saber/poder, ambos não se confundem, pois há singularidades, individualidades que os constituem como bem evidencia Deleuze (1991, p. 81) “o saber passa por formas, o poder por forças. O saber diz respeito à articulação entre ver e falar, visível e enunciável; já o poder passa por pontos, de um ponto a outro sem nunca deixar-se localizar”.

É nesse jogo então que coexiste a inseparável e necessária relação entre saber/poder em suas condições de existência, pois conforme Foucault (2004, p. 142), “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”.

O sujeito então deve ser compreendido nessa relação recíproca do saber/poder, como efeito dessa relação no descontínuo da história. Ou seja, não é o sujeito que tem domínio sobre os saberes tendo-os independente do poder ou usando-os para ter poder, mas dentro da historicidade da qual emergem relações saber/poder o sujeito sofre o exercício da força dessa relação. Segundo Foucault (1994a, p. 27), “não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento”.

Nesta perspectiva, toda atividade produtora de saber, implica em uma força de poder que o instaura dentro de uma historicidade que lhe é favorável. Historicidade essa dada a descontinuidade dos processos de lutas que são também atravessados sob esses efeitos da relação saber/poder, implicando assim numa certa singularidade na constituição de uma *vontade de verdade*, de uma ordem do discurso.

Com o propósito de explicar que a verdade é uma produção discursiva, Foucault, influenciado por Nietzsche, recorre ao conceito de *vontade de verdade*, o que implica em considerar a verdade uma produção do poder. Nesse intuito diz Foucault (2004, p. 12) que

a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coações e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.

A verdade nesse trajeto produz efeitos regulamentados de poder. O poder é vital na constituição daquilo que se entende por verdade numa determinada sociedade. A verdade é inerente ao poder como aponta Foucault (2004, p. 12): “a verdade não existe fora do poder ou sem poder”. O que implica em múltiplas coerções, mecanismos, e técnicas que legitimam sua atuação, aceitação dentro de uma sociedade. A verdade então nessa configuração genealógica se dá como uma vontade de verdade.

O papel do genealogista, então, se desenvolve na perspectiva de identificar os possíveis mecanismos de poder estabelecidos em uma determinada sociedade na produção das verdades por ela concebida num determinado momento histórico. Ou seja, seria descrever os instrumentos do poder na fabricação da *vontade de verdade* vivenciada socialmente. O que implica no reconhecimento das estratégias usadas pelo poder para que a sociedade mantenha essa verdade como gozo de sua vontade.

Ao buscar a procedência dos saberes situados aos seus valores, mediante a uma *vontade de verdade* forjada a regularidades de uma força-poder, a genealogia não busca desconstruir quem somos, mas fazer uma análise do que somos no atravessamento dessa vontade de verdade que nos constitui enquanto sujeitos que se fabrica na malha da história pelos fios do discurso.

3. O Corpo Masculino Enredado pelas Teias do Saber/Poder na Men's Health:

A prática da constituição do sujeito não acontece de forma mecânica e de independência entre os elementos que compõem a arqueologia ou a genealogia, como o da ética, mas como nos reforça Veiga-Neto (2004, p. 99), “ao contrário, não só sempre atuam ao mesmo tempo como ainda e principalmente, os constituintes de cada eixo se deslocam para os eixos vizinhos por meio do sujeito em constituição, o qual flutua no espaço definido pelo feixe de coordenadas que o projetam sobre os eixos”.

Diante do propósito que instaura esse novo eixo, ele só tem sua condição de existência, devido a base fornecida pelos procedimentos metodológicos que o antecederam, ou seja, pelas contribuições da arqueologia, bem como da genealogia, pois, buscar compreender o processo pelo qual o indivíduo torna-se sujeito de si implica inserir-se num conjunto de relações complexas que o envolve, sendo possível analisá-la

somente partindo das investigações direcionadas aos sistemas de configurações, condições de formação dos discursos.

É sob essa lógica que Foucault realiza um trabalho arqueogenalógico no campo de problematização da ética experienciada por algumas culturas (grega clássica e romana) objetivando assim, estudar como se constitui o sujeito, mediante o processo de subjetivação pelo dispositivo da sexualidade. Em nosso caso particular, situaremos tal processo de constituição do sujeito na contemporaneidade, problematizando a partir do dispositivo da mídia em sua articulação com o saber/poder na produção discursiva do corpo masculino como prática de subjetivação.

Temos aqui para análise uma reportagem que se encontra na Men's Health, na seção Mixer/ Perda de peso, como segue:

Mixer | PERDA DE PESO

Tudo pela saúde

Com essa filosofia, ele resolveu perder 30 quilos e ganhar uma nova vida
Por Gustavo Simon

Para quem é avesso a exercícios, está muito acima do peso, tem pressão alta e começa a sentir o impacto da gordura nas articulações, a cirurgia de redução do estômago pode parecer uma saída fácil e rápida. Foi exatamente isso que passou pela cabeça do assistente administrativo Eduardo Acacio, de São Paulo, quando ele completou 34 anos. "Engordei muito depois do casamento e cheguei ao ponto de não conseguir subir escadas com meu filho no colo por conta das dores no joelho", lembra. Um dia, depois de um almoço caprichado, Eduardo se sentiu mal e ouviu de um colega: "Você está gordo demais!". Essa foi a chave para decidir emagrecer.

Plano B
"Como era preguiçoso, procurei um especialista em gastroplastia (a redução de estômago)", relembra. "Mas, quando cheguei ao consultório, o médico riu e disse que exercícios bastavam para resolver meu caso." Para enfrentar a cirurgia, segundo o especialista, ele precisaria engordar outros 30 quilos. Eduardo decidiu então que perder 30 quilos valia mais a pena. O primeiro passo foi revolucionar o prato: ele, que comia em uma

única refeição duas pizzas inteiras ou três Big Macs, abandonou esses excessos gastronômicos, acrescentou frutas e verduras, fracionou a alimentação e eliminou refrigerantes, embutidos e gorduras.

Rumo ao sucesso
Quando chegou à marca dos 92 quilos, Eduardo começou a investir em atividades físicas. "Não podia fazer isso antes para não agravar ainda mais os problemas nas articulações",

explica. E a corrida, que começou como uma tática para perder peso, se transformou em um verdadeiro hobby. Hoje Eduardo pratica musculação, corre 10 quilômetros três vezes por semana, aumenta esse percurso para 25 quilômetros nos fins de semana e disputa provas de rua. A última delas foi uma maratona no mês passado. "Virei um escravo do bem-estar e um exemplo para as pessoas que convivem comigo", conta. "Até minha esposa seguiu meu caminho."



116 kg ANTES

82 kg HOJE

NOME: Eduardo Acacio
IDADE: 37 anos
ALTURA: 1,79 m
OCUPAÇÃO: assistente administrativo

FIGURA 32: Men's Health Julho 2009

A partir do enunciado em destaque, por estar em caixa alta e na cor preta “*Tudo pela Saúde*”, observamos mediante estratégica discursiva da revista, uma justificativa para todas as atividades, ofertadas, “sugeridas” por sua institucionalidade situada pela política da *Healthism*.² Essa ressignificação das atividades exercidas em nome da saúde encontra espaço importante na constituição do sujeito masculino no interior da Men's Health, pois, como grande “dispositivo de produção de identidades” (GREGOLIN, 2007, p. 50) ela atua no sujeito masculino, provocando mudanças sobre si e sobre seu corpo. É o que podemos perceber, quando nessa reportagem ela narra discursivamente a história do sujeito, Eduardo Acácio assistente administrativo, a circular publicamente por sua inscrição nesse processo midiático de produção de subjetividades.

² *Healthism* entendida aqui de acordo com Ortega (2005) como a ideologia, a forma que a medicalização adquire na biossociabilidade

Com esse propósito, dada a construção discursiva da narrativa, encontramos o enunciador 01, a Men's Health, assinada por Gustavo Simon, e enunciador 02, Eduardo Acácio. a ocuparem lugares sociais nessas relações discursivas. Deste modo, seguindo a trilha do fazer narrativo, temos como título, conforme já referido anteriormente, o seguinte enunciado: "*Tudo pela saúde, com essa filosofia, ele resolveu perder 30 quilos e ganhar uma nova vida*".

Esse enunciado provoca efeitos de sentido que pairam numa prática, numa "nova" maneira de se conceber o modo de viver, ou seja, de uma nova "filosofia" de vida. Tal filosofia se inscreve no imperativo, numa moral, num *jogo de verdade* que encontra na saúde uma alternativa para se ter uma "nova vida". É em nome dessa saúde propagada, divulgada na emergência dos saberes que circulam no social, que o sujeito se deixa intervir em seus modos de vida, em seus modos de ser, estendendo essa relação na produção também de um novo corpo. Um corpo que é regulado, fabricado, disciplinado e controlado a efeitos desse saber/poder que circulam mediante as formas de biossociabilidade, manifestando a *Healthsim*, pois, conforme (GRAWFORD, 1980, p. 381 *apud* ORTEGA 2005, p. 154), "a saúde tornou-se não só uma preocupação; tornou-se também um valor absoluto ou padrão para julgar um número crescente de condutas e fenômenos sociais"

"*Com essa filosofia*" a ser praticada, vivida no jogo do discurso com a vida, e a vida em discurso, a revista tece a narrativa que enreda essa história na história de um corpo, o corpo de Eduardo A, que sofre os efeitos dessa preocupação com a "saúde", ao qual "*ele resolveu perder 30 quilos e ganhar uma nova vida*". O uso dos verbos "perder" e "ganhar" nesse paralelismo produzem sentidos de todo um jogo marcado no corpo pela ausência de pesos, e qualidade de vida.

O corpo e o ser sujeito são convidados sempre, mediante as práticas discursivas da revista, a se assemelhar, como se a arte do viver, da existência, dos modos de ser sujeito, estivessem submissos ao ser, estar do corpo. É ele, em sua aparência, em seu estado de saúde, que atesta a existência de um novo ser, de uma "nova vida". Vida essa que está sempre a ser alcançada pelo corpo através quer seja da prática de atividades físicas, quer seja sobre intervenção cirúrgica na qual incide em seu disciplinamento e controle constante aos olhos do saber da contemporaneidade, pois assim parece ser quando diz o enunciador 01: "*Para quem é avesso a exercícios físicos, está muito acima do peso, tem pressão alta e começa a sentir o impacto da gordura nas articulações, a cirurgia de redução de estômago pode parecer uma saída fácil e rápida.*"

O enunciado dito acima aponta para uma série de situações em que colocam o corpo sob o risco por não se tratar de um corpo saudável, e em seguida apresenta uma prática discursiva em bastante evidência no cotidiano dos sujeitos na contemporaneidade que apresentam essas situações de risco à saúde do corpo, a gastroplastia (cirurgia de redução de estômago). Esses indícios de um corpo em risco parecem presentes ao corpo do sujeito Eduardo A, pois pela regularidade da construção discursiva da narrativa em seu desenvolvimento, começa por apresentar o antes do sujeito protagonista da história.

Diante dessa realidade vivida pelo sujeito protagonista da narrativa, o sujeito enunciador 02, já antecipa de certa forma o que pensa Eduardo A, como alternativa rápida para essa questão: a gastroplastia, pois como diz o enunciador 01: "*Foi exatamente o que passou pela cabeça do assistente administrativo Eduardo Acácio, de São Paulo, quando ele completou 34 anos*".

Nesse enunciado, o enunciador 01, apresenta a posição social do sujeito da história, ao mencionar sua profissão, sua cidade, idade. Esse perfil trata-se do perfil dos leitores da Men's Health, é esse o público ao qual se destina essa produção midiática, e

assumindo essa posição-sujeito leitor da revista, diz enunciador 02: “*Engordei muito depois do casamento e cheguei ao ponto de não conseguir subir escadas com meu filho no colo por conta das dores do joelho*”.

Ao produzir esse enunciado, o sujeito Eduardo A, se enquadra dentro das condições anunciadas pela revista quanto aos riscos do corpo por excesso de peso. Há então uma incidência estratégica da produção da revista ao abordar o sujeito nessa relação da mídia com a realidade, o que implica em tê-la como prática discursiva, pois há sujeitos que experienciam esses jogos de verdade produzidos na e pela mídia em seu cotidiano.

É a partir de uma vivência cotidiana de um sujeito comum em conflito com seu físico, que a revista produz narrativa como essa, que concorrem para sua formação discursiva junto aos atravessamentos de discursos, o interdiscurso, que dela participa. Deste modo, procurando discursivizar o corpo masculino, sempre negociando com o cotidiano dos sujeitos e seus corpos que a revista media essa relação simbólica com o seu público alvo. É neste sentido, que ela constrói seus dizeres.

Percebemos, portanto, que essa construção acontece mediante todo um jogo discursivo do qual emergem algumas posições-sujeitos a ocuparem espaços estrategicamente. Como podemos observar no enunciado que segue: “*Um dia, depois do almoço caprichado, Eduardo se sentiu mal e ouviu de seu colega: ‘Você está gordo demais’ essa foi a chave para decidir emagrecer*”. Partindo desse enunciado percebemos posições do sujeito enunciador 01 – a revista que faz uso de uma voz terceira na posição de Amigo de Eduardo Acácio, o enunciador 02.

Nesse jogo, a revista produz a narrativa, a partir de uma situação de mal-estar sofrida pelo sujeito protagonista da história com base no físico que esse apresenta. O enunciado “*Você está gordo demais*”, dito a partir de um amigo, nos mostra o forte olhar do outro no processo de transformação do corpo com implicações em sua subjetividade. A cobrança do outro na visibilidade do corpo, implica em muitos casos, a reforçar a luta travada pelo sujeito com ele e com seu corpo. Na narrativa em análise, “*está gordo demais*” se inscreve numa aparência não aprovada aos preceitos da atualidade. Assim, Eduardo Acácio por “*estar gordo demais*” se apresenta ao olhar do outro, do “amigo”, como portando uma “anomalia” uma “monstruosidade”, a partir do lugar que ele ocupa socialmente, pois essa monstruosidade, como colocada por Courtine (2008, p. 330): “[...] depende do olhar do outro que se propõe sobre ela. Não se acha tanto enraizada no corpo do outro quanto agachada no olhar de quem observa”.

O olhar do outro lançado sobre o sujeito Eduardo Acácio trata-se do olhar de uma cultura discursivada sobre um corpo modelo a ser referência de beleza e de saúde, caso contrário, se o olhar lançado não vê essa imagem correspondida como a referência exigida, logo incide uma questão valorativa sobre o sujeito.

Mediante esse olhar do outro lançado em estratégias da revista a ser percebido pelo sujeito Eduardo, como efeito de uma valoração negativa, provoca efeitos de e para que esse sujeito queira cada vez mais se enquadrar nos parâmetros que regem esse olhar cultural ao corpo, como nos diz o enunciador 01: “*foi a chave para decidir emagrecer*”.

O estímulo a partir do sentimento de culpa sentido pelo sujeito, apontado pelo olhar do outro, implica assim numa cobrança de mais responsabilidade dele para com seu corpo, foi também tomando proporcionalidade as suas ações consigo e com o seu corpo. Nesta perspectiva de assumir as responsabilidades de forma individual sobre o corpo, abre espaços para se construir uma relação de poder que tem no corpo o foco disciplinar e de controle, o que significa ao sujeito exercer sobre si um autocontrole, um autovigiar-se enfim ter no corpo fonte constante de reflexividade.

Não concebendo mais o corpo e a vida de Eduardo “antes”, entra em cena o “Plano B”, materializado com destaque, esse enunciado, sugere um segundo plano, ou seja, em buscar outra maneira de viver do sujeito, de viver com seu corpo, pois o possível plano A, discursivizado anteriormente, não correspondia à “filosofia” da saúde, do bem-estar. Posto frente aos preceitos, da filosofia da vida saudável, midiaticizada pela Men’s Health, o sujeito Eduardo Acácio, dentro desse processo discursivo, se inscreve positivamente conforme em seu dizer: “*Como era preguiçoso procurei um especialista, em gastroplastia (a redução de estômago) [...] Mas quando cheguei ao consultório, o médico riu e disse que exercícios bastavam para resolver meu caso*”.

O enunciado que ora toma materialidade nessa matéria, a partir do enunciador 02, como podemos observar, manifesta uma relação de saber/poder que o envolve na condição de sujeito que ao tomar certa “consciência” de seu modo de vida, de refletir sobre essa força em si mesmo, busca ajuda em um profissional, que tem a competência de extrair a “verdade” sobre si, sobre seu corpo, sobre o que o aflige, e ao mesmo tempo ofertar outra, implicando assim em mudanças, transformação de seu corpo, de seu modo de existir.

Assim, ao participar dessa prática discursiva, ele chega ao “consultório” e o “médico” que assume uma função de grande importância nesse processo, sendo de certa forma um “paheseasta” lhe orienta, prescreve as práticas de exercícios ao corpo, pois, “*bastavam para resolver [...] o caso*”. Esse dizer toma fortes implicações no interior da revista, pois entra na regularidade que ela busca exercer sobre o corpo masculino na prática constante de exercícios, ou intervenções cirúrgicas. Tudo isso em nome da saúde por ela comercializada sob efeito da biossociabilidade, e prescrita na posição sujeito assumida pelo médico.

O enunciador 01 reforça os dizeres a partir do saber médico, assumida pelo sujeito especialista em gastroplastia, ao dizer: “*Para enfrentar a cirurgia, segundo o especialista, ele precisaria engordar uns 30 quilos. Eduardo decidiu então que perder 30 quilos valia mais a pena.*” A luta sobre o corpo está sempre a balizar entre aumentar ou perder peso, no caso, perder se faz necessário, e entra na força de vontade do sujeito como sendo o que vale “*mais a pena*”. Deste modo, o sujeito Eduardo entra no conjunto desses saberes que povoam seu cotidiano midiaticizado sobre efeito de uma biossociabilidade que se inscreve na produção da Men’s Health, no sentido de viver a “*filosofia de tudo pela saúde*”.

Isso implica em todo um novo “*estilo de vida*” que preconiza mudanças em vários aspectos, inclusive em seus hábitos alimentares, pois como diz o enunciador 01: “*O primeiro passo foi revolucionar o prato: ele, que comia em uma única refeição duas pizzas inteiras ou três Big Macs, abandonou esses excessos gastronômicos, acrescentou frutas e verduras, fracionou a alimentação e eliminou refrigerantes, embutidos e gorduras*”.

A regulamentação sobre o corpo, a começar pela alimentação, é efeito de uma produção de novos saberes que circulam no campo da nutrição que em cadeia a outros campos desenvolve tecnologias de poder sobre o corpo masculino nessa contemporaneidade, pois o sujeito masculino é alvo das produções discursivas que o engendram na ordem do discurso. São muitos os produtos que circulam sob rótulos de *diet* e *light* para atender a essas exigências de mercado agenciadas por esse saber de um corpo saudável, como sendo um corpo sem gorduras. O investimento ao consumo de frutas cada vez mais aparece no cardápio oferecido pela saúde ao corpo.

Tomando agora o enunciado: “*Rumo ao sucesso*” também marcado com a cor amarela, constrói a idéia de movimento, percurso a ser seguido pelo sujeito, pelo corpo a algum lugar o sucesso. Esse sucesso está nos investimentos que o sujeito deve fazer

em e para seu corpo, com foco na chegada a um corpo perfeito, saudável, e em forma. Para isso, seu incentivo às práticas de atividades físicas são sugeridas pela revista, como diz o enunciador 01: “*Quando chegou à marca dos 92 quilos, Eduardo começou a investir em atividades físicas*”.

A falta de atividade física implica ao corpo, como aconteceu com o sujeito Eduardo A, no percurso da narrativa, há certas limitações impostas por problemas de aumento de peso, e má circulação do sangue. Deste modo a partir dos conhecimentos produzidos pelos *jogos de verdade*, o sujeito sofre as coerções desses dizeres sobre você e seu corpo, e posto frente a eles, busca alguma vezes sua inscrição, como diz o enunciador 02: “*Não podia fazer isso antes para não agravar mais ainda os meus problemas nas articulações*”. O sujeito parece conhecer diante desses saberes, e a partir daí se perceber-se como sujeito a reelaborar seu modo de viver, suas atividades no uso e para uso do corpo a ser alcançado em consonância com o corpo fabricado nessa relação midiática.

Como nos coloca a voz da própria instituição midiática Men’s Helath : “*a corrida, que começou como uma tática para perder peso, se transformou em um hobby. Hoje Eduardo pratica musculação, corre 10 quilômetros três vezes por semana, aumenta esse percurso para 25 quilômetros no fim de semana e disputa provas de rua*.”. Com base nesse enunciado observamos que a prática de exercícios tem como motivação primeira para sua realização a obrigatoriedade que incide numa política do corpo regida por princípios da biossociabilidade e que como argumentação e estratégias do dizer midiático transformam-se numa questão de prazer, lazer. Há toda uma matemática reguladora na prática desses cuidados com o corpo com foco em sua mudança, enquadramento social. Afinal, “*Tudo isso pela saúde*”.

Conduzidos pelos fios discursivos que tecem a constituição do sujeito sob o tecido da biossociabilidade midiático pela Men’s Health, no qual tudo incide numa questão de saúde, o sujeito Eduardo Acácio encontra-se enredado no exercício desse saber/poder, sobre ele e seu corpo, reelaborando seu modo de viver uma “nova vida”, a uma maneira, um estilo diferente, pois como nos diz, para encerrar a matéria: “*Virei um escravo do bem-estar e um exemplo para as pessoas que convivi comigo [...] até minha esposa seguiu meu caminho*”.

Considerações finais

Considerando a perspectiva arquegenealógica lançada na e para análise da revista pesquisada, observamos nos enunciados que encerra essa matéria um sujeito que encontra em sua inserção na política do corpo agenciada pela revista e por toda uma ciranda do saber que circula pela biossociabilidade, um espaço para refletir sobre si e o seu corpo, procurando se decifrar como sujeito de desejo ressentido pela ciência a construir um novo modo de vida a partir de uma nova “filosofia”, aquela que encontra no bem estar o prazer de si.

Deste modo, há, na incidência da revista em sua prática discursiva, uma subserviência do sujeito à questão da saúde com fortes implicações em seu corpo, em sua maneira de viver. Nesse processo de constituição de si, a partir desse lugar, ela assume uma posição de “*escravo do bem-estar*”. O que implica numa servidão aos preceitos do campo do saber da medicina, da saúde, da estética, enfim, da própria prática discursiva fabricada pela revista, que ao elaborar essa narrativa como exemplo a ser possivelmente seguido por seus leitores, há em seu próprio interior um exemplo de mudança de condutas, de vida, que vira exemplo para outras pessoas, que como diz Eduardo “*que convive comigo [...] até a esposa seguiu meu caminho*”.

Assim, mediante toda prática ascética contemporânea dos cuidados com o corpo, fabricada pela revista a partir de seu lugar social, o sujeito, aqui exemplificado, experienciado por Eduardo Acácio, apresenta modos de subjetivação, não de uma liberdade criada no confronto e na resistência aos mecanismos de saber/poder, mas como de um certo objetivação e disciplinamento, uma vez que a vontade do poder incide na vontade também do sujeito quanto ao seu próprio corpo como produto final dessa empreitada na contemporaneidade.

A análise demonstra que o corpo masculino discursivizado nas páginas da revista, apresenta-se como enredado por uma teia de saber/poder oriundos da ciência/medicina/estética que funciona para discipliná-lo/controlá-lo a uma certa ordem do discurso. Os efeitos deste processo, dessas práticas negociam, na contemporaneidade, sentidos que pulverizam *vontades de verdades* e que direcionam a fabricação de corpos/sujeitos marcados por discursos e práticas da biossociabilidade (ORTEGA, 2005), o que nos leva a problematizar os processos de subjetivação e constituição ética dos sujeitos analisados.

Referências bibliográficas

COURTINE, J. J. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: *História do corpo: As mutações do olhar. O século XX*, sob a direção de ALAIN, C; COURTINE, J.J; VIGARELLO. Trad. Lúcia M.E. Orth; revisão da trad. Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, M. (1926-1984) *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves- 7 edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A ordem do discurso*. Paris: Éditions Gallimard, 2006a.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. De Marcio Alves de Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005 a.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005b.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005c.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *As Palavras e as Coisas*. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 11ª. Petrópolis, Vozes, 1994a.

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In Dossiê - *Comunicação Mídia e Consumo*. São Paulo: Editora ESPM. Vol.4. 2007.

ORTEGA, F. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, M; LACERDA, O.L.B.; VEIGA NETO, A. (Org). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Riode Janeiro: DPA, 2005.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a Educação*. 2 edição. Belo Horizonte: Autentica, 2004.